

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: NA ESCOLA A PARTIR DE PRÁTICAS LIBERTADORAS DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM<sup>1</sup>

Marcia da Silva Antunes<sup>2</sup>

Elias Alves da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa refletir em um estudo bibliográfico sobre a importância do letramento no dia a dia das pessoas com intuito de contribuir com novas práticas para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. O presente estudo apresenta procedimentos e estratégias de compreensão do novo contexto de alfabetização e letramento dentro do cenário educacional e das novas necessidades educativas. Discute o papel do professor diante das novas formas de ensinar e aprender sob a perspectiva de inserção de novas metodologias de ensino que garanta a qualidade da aprendizagem dos educandos, a partir da perspectiva de que a leitura e a escrita se tornam cada vez mais indispensáveis para a inserção do indivíduo na sociedade. Por fim, sugere que as práticas de leitura e escrita sejam refletidas pelas escolas, desenvolvendo a consciência de que os educandos precisam aprender mais do que decodificar palavras, eles precisam entendê-las, achar sentido no que é ensinado.

**Palavras-chave:** Leitura. Letramento. Inclusão Social.

2567

**ABSTRACT:** this article aims to reflect in a bibliographical study on the importance of literacy in everyday life of the people in order to contribute with new practices to the learning process of reading and writing. The present study presents procedures and strategies for understanding the new context of literacy and literacy within the educational setting and new educational needs. Discusses the role of the teacher in front of the new forms of teaching and learning under the perspective of inserting new teaching methodologies that guarantee the quality of students' learning, from the perspective of that reading and writing become increasingly indispensable for the insertion of the individual in society. Finally, it is suggested that the practices of reading and writing are reflected by schools, developing awareness of what learners need to learn more than decode words, they need to understand them, find meaning in what is taught.

**Keywords:** Reading. Literacy. Social Inclusion.

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado à COLLEGE EUCALER, como requisito insubstituível à conclusão do Curso de Mestrado.

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia pela Faculdade do Sertão Baiano-FASB. Pós-Graduada no Curso em Alfabetização e Letramento-FASB.

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Educação pela a Universidade Autônoma de Assunção – UAA.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa é bibliográfica, portanto várias leituras foram feitas a respeito da formação de leitores, letramento, inclusão social, escola e gêneros textuais etc. Um estudo baseado nas teorias já existentes sobre a formação de leitores na perspectiva de inclusão social, essas informações já foram publicadas em livros, artigos científicos, sites, e as mesmas serviram para ampliar os meus conhecimentos prévios sobre o assunto, a fim de que possa ter alguma resposta para as minhas inquietações. E quais as possíveis soluções sugeridas pelos mesmos, pois educação não se faz tão somente com prática, mas também com teorias, ambas casadas em prol de um único objetivo o ensino/aprendizagem envolvendo educadores e educandos. Discutir a importância da leitura como um instrumento de inclusão social, promover reflexões sobre os desafios da escola frente à leitura, desenvolver leituras que aponte caminhos para o letramento. Resgatar o valor da leitura, como ato de prazer e requisito para emancipação social e promoção da cidadania.

## DA ALFABETIZAÇÃO PARA O LETRAMENTO

### **Inicialmente vou fazer uma definição sobre letramento com base em Magda Soares**

2568

O conceito de leitura é amplo e varia de acordo com cultura, e é caracterizado pela relação entre os homens e os textos, imagens, uma relação do corpo dentro de um espaço.

A inserção das pessoas no mundo da leitura é de certa forma papel da família desde cedo contando historinhas, e dando exemplo aos pequenos, ou seja, sendo leitores, mas quem realmente ensina a ler, compreender e produzir variados textos, preparando-os para a compreensão de um simples bilhete a outros textos mais complexos como artigos, currículos, interpretar questões do ENEM bem como escrever redações, entre outros desafios que lhe surgiram durante sua vida social e profissional é a escola. Para isso é preciso que em sala de aula a realidade dos educandos seja prevista e considerada, a fim de torna-los aptos a uma vida social ativa, crítica e consciente.

Vivemos em uma sociedade letrada em que as pessoas até em suas atividades básicas, como: pegar ônibus, ler receitas de comidas, cartas, bulas de remédios entre outras tantas situações corriqueiras de seu dia-a-dia necessitam da leitura, sendo que aprender a ler e

escrever é um direito de todos, e o dever de ensinar é das escolas e professores, no entanto no Brasil há um número considerável de pessoas analfabetas e outras chamadas de “analfabetos funcionais”, que são aquelas pessoas que ler e não compreende o que leu, e o pior é que elas passaram pela escola. Analfabeto funcional segundo (SOLÉ, 1998, p.33), são “pessoas que, apesar de terem frequentado a escola e tendo “aprendido” a ler e escrever, não podem utilizar de forma autônoma da leitura e a escrita nas relações sociais ordinárias”. ROJO (2010) fala um pouco sobre essa expressão “analfabeto funcional”:

No final da década de 1970 cunha-se, portanto, o conceito de *(an) alfabetismo funcional* e passa a ser considerado analfabeto funcional a pessoa que não consegue “funcionar” nas práticas letradas de sua comunidade, embora seja alfabetizada. Ora, “funcionar” em feira livre á retirada de dinheiro com cartão magnético; de admirar uma vitrine do comercio central e ver um filme legendado; de tomar ônibus a ler um romance – requer competências e capacidades de leitura e escrita mais amplas e também muito diversificadas, que aqui opto por denominar (*níveis de) alfabetismo*. (ROJO, 2010, p.25)

Sabemos que antes bastava escrever o próprio nome que era alfabetizado com o passar do tempo essa concepção foi mudando e atualmente nos deparamos com uma sociedade exigente de saber ler e escrever e de usar esse saber em práticas sociais. Na atualidade há muitas oportunidades para as pessoas se inscreverem em concursos diversos, vestibulares etc, mas não basta, pois essas provas são exigentes de conhecimentos diversos e os mesmos estão em livros, sites enciclopédias entre outros que requer de quem busca habilidades e competências no que desrespeito a leitura e escrita.

2569

O letramento é o envolvimento e a compreensão de diversos gêneros textuais, é o uso da palavra escrita, onde a mesma fará sentido na sua vida social, que cada vez mais impõe exigências, portanto o indivíduo deve estar familiarizado com a língua escrita para a sua melhor sobrevivência em sociedade. O termo sobrevivência advém do fato das pessoas estarem, de certa forma, habituadas a terem seus direitos básicos negados a todo o tempo, entre eles a educação, pois um país sério teria escolas capazes de desenvolver plenamente as competências e habilidades dos seus educandos na leitura e escrita e conseqüentemente atingi outras áreas do conhecimento, pois o domínio das mesmas é uma porta de entrada para a emancipação pessoal e social.

Se de fato busca-se um resultado diferente deve-se pensar em novas práticas, pesquisas, e conceitos, é preciso posturas e ação diferenciada, pois a educação é um grande desafio nos dias atuais, portanto precisamos de muita coragem para enfrenta-los.

É esse, pois, o sentido que tem letramento, palavras que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: letra-, do latim *littera*, e o sufixo - mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em *ferimento*, resultado da ação de *ferir*). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES,1996, p.18)

A marginalização é fruto das desigualdades sociais que são reproduzidas na escola, mesmo que de maneira inconsciente, sendo que ela era quem deveria amenizar as mesmas e não estimulá-las.

A humanidade construiu ao longo dos anos um legado cultural muito rico, este por sua vez é encontrado em diversas áreas do conhecimento e é passado de geração a geração por um meio fortíssimo e extremamente importante que é por meio da leitura [...] “do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades”. (FREIRE, 1997, p.61) [...] Infelizmente o que vemos, na realidade, é que esses saberes eram centrados, restritos à classe dominante que teve que passar um pouco desses saberes em prol de seus interesses, mesmo sabendo das consequências que lhes esperavam. A história da humanidade envolve episódios em que os livros chegaram ao ponto de serem confinados em bibliotecas a “sete chaves” e junto com eles a liberdade, pois a ignorância aprisiona e os livros passam informações que são capazes de libertar.

2570

Antigamente, as classes privilegiadas tinham o poder do dinheiro e do saber; hoje, ainda possuem o poder do dinheiro, mas lutam terrivelmente para não perder mais do que já perderam do poder do saber, que lhes era exclusivo, procurando controlar o saber que tiveram que revelar ao povo. (CAGLIARI, 2009, p.08)

Mesmo nos dias atuais nos deparamos com pessoas que não tem acesso à leitura, e por mais triste que pareça, aprenderam a sobreviver sem ela, tornando-se assim privados de conhecimentos culturais que somente muitas leituras podem proporcionar. Pertencemos a uma sociedade que ainda existe a busca do poder, da dominação, e o analfabetismo torna o ser humano dependente, favorecendo assim a esse sonho. “Nada melhor do que a ignorância

para gerar a obediência cega, a subserviência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana”. (CAGLIARI, 2009, p.07)

Os livros e seus conhecimentos chegaram ao Brasil juntamente com a Família Real em 1808 porque os nobres não podiam viver sem cultura, sem aprendizado, sem leitura. Se pararmos para pensar um pouco veremos que não é por acaso que as pessoas mais pobres não têm hábito de leitura em sua casa ou até mesmo dentro da escola, é tudo uma questão histórica de preconceito, dominação e exclusão social, que infelizmente ainda existe não camuflado, mas explícito “a olho nu”.

A leitura é um bem precioso que oferece a quem dele se apropria riquezas bem mais valiosas do que ouro, que é a liberdade, autonomia e como já vimos ler vai além de decodificar o alfabeto, o sujeito precisa ser letrado adquirindo habilidades com o hábito e reconhecer a variedades de gêneros textuais, usufruírem de seus direitos que estão escrito e traduzidos em palavras que a escola por sua vez não ensina, mas que através de muitas leituras é possível aprender.

Leitura e cultura sofrem um impasse inicial. A leitura leva a aquisição da cultura, mas é a cultura que explica muito do que se lê, não apenas o significado literal de cada palavra de um texto. Uma pessoa que não conhece uma cultura tem dificuldade em ler textos produzidos por ela, mas, para adquirir os conhecimentos dessa cultura, quando possível, é interessante ler não só o que os outros disseram a respeito dela, mas o que ela mesma produziu. (CAGLIARI, 2009, p.151-152)

2571

Mesmo sendo terrível ainda desconhecemos a nossa história e muitas vezes ouvimos verdades que foram ocultadas para mantermos cada vez mais cegos e aprisionados por nossa própria ignorância, é triste, mas temos crianças que nunca frequentaram uma escola, mas há aqueles que já passaram por alguma instituição seja nos anos iniciais ou até concluído o primeiro grau e mesmo assim não conseguiram ser letrados, ou seja, usar a leitura e a escrita em sua vida de maneira autônoma e crítica e achamos isso normal. Neste sentido, segundo esclarece Carvalho

Letrado (a): um indivíduo que sabe ler e escrever e é também capaz de usar a leitura e a escrita para obter ou transmitir informações, para registrar ou relembrar ideias ou fatos, para comunicar-se por escrita e para usufruir a literatura. Pessoa que tem domínio dos variados usos sociais da leitura e escrita. (2010, p.88)

Por vários fatores que são gerados por um grande desequilíbrio social entre eles estão: falta de investimentos por parte de quem governa essa nação que não está comprometida e nem interessado com ensino de qualidade, a consequência disso é a falta de estrutura das escolas, professores maus preparados ou desestimulados, desmotivados pelos seus baixos salários e pela violência que assola as escolas e passou a ser frequentes, principalmente nas escolas públicas, entre tantas outras mazelas que influênciam na educação de forma negativa. Desta forma,

A tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. (FREIRE, 1993, p.08).

Alguns jovens que estudam no 5º ano que não aprenderam a ler e escrever não se deram conta da importância que tem a língua escrita em suas vidas, de tantas humilhações terão que se submeter por conta desse grande prejuízo e atraso que lhes custarão empregos, melhores condições de vida, de certa forma estarão “condenados” a voltar para a sociedade na condição de analfabetos; portanto, a escola, enquanto instituição que transforma as pessoas, tornando-as melhores, tem a obrigação de promover o ensino/aprendizagem, fazendo com que o mesmo tenha significado em suas vidas e que a realidade dos educandos seja considerada permitindo-o sair da escola preparado para enfrentar bem mais do que o mercado de trabalho, que saia de lá preparado para enfrentar a sua realidade a fim de atuar de forma crítica e melhorando a mesma, tornando-a mais igualitária. De acordo com Freire

Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. Pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do povo, gravadas de mundo. Depois, voltam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade. (1989, p.13)

A função da escola vai bem mais além do que zelar pela integridade física do aluno, ela precisa propor uma educação democrática, incluindo e ouvindo os alunos, trabalhando de acordo com a realidade dos mesmos, sempre com o objetivo de que o aluno saia com a

bagagem significativa para a sua vida pessoal, profissional e social, na perspectiva que as pessoas possam fazer uso da leitura em seu dia-a-dia, a fim de melhorar a sua vida.

Conforme ainda mais uma vez esclarece Freire:

Nem sempre, infelizmente, muitos de nós, educadoras e educadores que proclamamos uma opção democrática, temos uma prática em coerência com o nosso discurso avançado. Daí que o nosso discurso, incoerente com a nossa prática, vire puro palavreado. Daí que, muitas vezes, as nossas palavras “inflamadas”, porém contraditadas por nossa prática autoritária, entrem por um ouvido e saiam pelo outros ouvidos das massas populares, cansadas, neste país, do descaso e do desrespeito com que há quatrocentos e oitenta anos vêm sendo tratadas pelo arbítrio e pela arrogância dos poderosos. (1989, p.16)

O que acontece na maioria das vezes na escola é que a mesma planeja visando à aplicação de conteúdos, sem associá-los à realidade dos educandos e ainda com as piores condições de trabalho para os educadores, sendo uma situação bastante desafiadora para os educadores o fato de que a escola ainda é um espaço que exclui e marginaliza as pessoas, não oferecendo condições para que elas possam ter uma vida mais digna.

Em muitos casos os alunos vão sendo passados de ano sem adquirir as habilidades necessárias no que diz respeito as habilidades de leitura e escrita. Esse universo de alunos que não sabem ler e escrever se encontram diante de opções que pode ser a evasão, ou seja: sair da escola, sem ter adquirido o mínimo necessário para o desenvolvimento de criticidade política e entendimento social, sendo que tem direito ao máximo.

2573

Solé, ao abordar o tema, diz que:

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. Estas propostas não representam o único nem o primeiro aspecto; considera-las de forma exclusiva equivalente, na minha opinião, a começar a construção de uma casa pelo o telhado. (1998, p.33)

Na maioria das escolas, as atividades relacionadas à leitura não são prazerosas para o aluno, pois as mesmas não estão preparadas para o momento da leitura, daí ser recorrente encontrar escolas que recebem os livros literários e guardam em um determinado espaço longe dos alunos, o que dificulta o estímulo para a leitura, já que o contato da criança com o livro é fundamental para que ela vem a se tornar uma leitora. Em linhas gerais, pode-se dizer que faz-se fundamental este manusear, tocar, cheirar, olhar como ações que antecedem o ato leitura. Entretanto, em contraponto, a leitura ainda é encarada como simples ato de

decodificação – codificação, onde a criança decifra palavras e muitas vezes não as compreende, não estabelecendo sentidos para a leitura que faz e termina por considerar o ato de ler difícil e inútil.

Neste sentido,

A leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem as suas primeiras associações nas estórias que as mães nos lia antes de dormir. Pelo contrário, para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer, de palavras da família do da, “*Dói o dedo do Didu*”; a procura cansativa, até os olhos arderem, das palavras com dígrafos que deverá ser sublinhado naquele dia; a correria desesperada até o dono do bar que compra o jornal aos domingos, para a família achar as palavras com a letra j. Letras, sílabas, dígrafos, encontros consonantais, encontros vocálicos, “dificuldades” imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entravando assim o caminho até o prazer. (KLEIMAM, 1997, p.16)

A escola tem um papel que diria fundamental na vida do ser humano, a mesma pode ajudá-lo a se torna um ser mais livre de amarras que são impostas por aqueles que desejam tanto o domínio, porém suas práticas ainda não são suficientemente eficazes para tal.

As metodologias na maioria das vezes não são voltadas para o letramento, os momentos destinados à leitura em sala de aula ainda são poucos, o mesmo podendo ser dito das leituras deleites, dos trabalhos com variados gêneros textuais. É fundamental que a escola seja feita de forma mais dinâmica, pois a mesma precisa ser um ambiente bem mais do que acolhedor, ela precisar ser alfabetizadora e que vise o desenvolvimento do seu alunado, onde as crianças e jovens possam ser estimuladas a descobrir os significados dos textos, estando aptos a produzir os seus próprios textos.

É importante ler para os alunos, mas também é interessante deixar que eles também leiam que vivenciem a magia da leitura, mesmo aqueles alunos que ainda não sabem ler as palavras, eles podem estar fazendo leituras de imagens, por exemplo.

Nesta linha, vale ressaltar que:

Assim, trabalhar com os letramentos na escola, *letrar*, consiste em criar eventos (atividades de leitura e escrita – leitura e produção de textos, de mapas, por exemplo – ou que envolvam o trato prévio com textos escritos, como é o caso de telejornais, seminários e apresentações teatrais) que possa integrar os alunos a práticas de leitura e escrita socialmente relevante que estes ainda não dominam. (ROJO, 2010, p.27)

Em nossa sociedade circula inúmeros textos seja na TV, através de um filme legendado, uma reportagem impressa em jornais ou em inúmeras páginas na internet, em



mensagens por celular ou via whatsapp que ensejam de leituras simples até outras mais complexas como ler e interpretar um artigo na LDB ( Lei de Diretrizes e Bases da Educação), enfim, se apropriar dos bens culturais que foram e estão sendo produzidos em benefícios da nossa cultura, história, são meios de comunicação e informação extremamente importantes para que o ser humano tenha condições de compreender e sobreviver interagindo em seu contexto cultural e social.

Em linhas gerais, conforme esclarece Rojo,

Logo, é possível participar de atividades e práticas letradas sendo analfabeto: analfabetos tomam ônibus, olham os jornais afixados em bancas e retiram dinheiro com cartão magnético. No entanto, para participar de práticas de letradas de certas esferas valorizadas. Como a escolar, a de informação jornalística impressa, a literária, a burocrática, é necessário não somente ser alfabetizado como também ter desenvolvido *níveis* mais avançados de *alfabetismo*. ( 2010, p.26)

Percebe-se que atualmente não basta ao sujeito somente alfabetizar-se, precisa, para além disso, adquirir uma formação ao longo de sua trajetória escolar, onde ele possa se tornar um leitor completo, capaz de interpretar vários gêneros textuais que fazem parte de seu convívio social. Os conhecimentos portados pelo o cidadão possa transformá-lo, passa a modifica-lo, onde o mesmo não mais necessita de tradutores em seu cotidiano, que por sinal são criativos quando se trata de seu “próprio umbigo”, pois a todo o momento lemos ou assistimos enunciados manipuladores, outros em forma de entretenimento programados para programar pessoas de “boa fé”, porém mal formado ou informado.

2575

Do ponto de vista autoritariamente elitista, por isso mesmo reacionário, há uma incapacidade quase natural do povão. Incapaz de pensar certo, de abstrair, de conhecer, de criar, eternamente "de menor", permanentemente exposto às idéias chamadas exóticas, o povão precisa de ser “defendido”. A sabedoria popular não existe, as manifestações autênticas da cultura do povo não existem, a memória de suas lutas precisa ser esquecida, ou aquelas lutas contadas de maneira diferente; a “proverbial incultura” do povão não permite que ele participe ativamente da reinvenção constante da sua sociedade. (FREIRE, 1989, p.20)

É preciso que as pessoas possam participar, lendo e compreendendo a sua história e cultura, tendo a possibilidade de criticar e dar a sua opinião, não somente ouvindo o tempo todo e concordando, é necessário que as pessoas sejam letradas, sendo capaz de ler, escrever e compreender os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade em que vive e que os mesmos lhe ajude a não ser apenas mais um dos números de estáticas de analfabetismo ou de pobreza em seu país, que, aliás, parece “soar bem” ao ponto de vista de muitos

governantes. Um ser humano letrado é “perigoso”, exigente, informado, conhece seus direitos é o melhor, o papel das autoridades, busca dignidade, melhores condições de vida atuam na sociedade opinando, falando em síntese se torna cidadão.

Neste aspecto, pode-se dizer que:

Assim, o que a escola comprometida com a luta contra as desigualdades pode fazer é vitalizar e direcionar adequadamente as forças progressistas nela presentes e garantir às classes populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social. Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social. (SOARES, 2002, p.73)

São muitos os fatores que impede que tenhamos uma sociedade com pessoas capacitadas, ou melhor, letradas sendo assim capaz não só de ler revistas, livros, mas também de estar incluído decidindo, opinando, não tendo apenas “vez e voz”, mas também argumentos coerentes e convincentes. Percebe-se uma preocupação cercada de hipocrisia na maioria das vezes com relação inclusão social nesse país, que deveria investir além de placas de sinalização de trânsito e de ruas, ônibus, entres outros textos que circulam na mesma em forma de guias, mapas enfim, esses textos são para facilitar a ida e a vinda a qual o cidadão tem direito, deveria investir também na educação, no letramento desses cidadãos, respeitando o direito de acesso a uma educação transformadora e de qualidade.

2576

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a leitura é um dos instrumentos de participação social, sendo que o indivíduo letrado tem a possibilidade de usar a leitura para viver de maneira autônoma e digna entre os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

A linguagem escrita é bem mais do que uma forma de comunicação, ela proporciona conhecimentos e uma visão ampla do mundo, as pessoas passam a enxergar de uma maneira mais eficaz o que lhes cerca e passa a entender melhor através da história da humanidade questões como: a fome, a violência, todas as mazelas da vida passam a serem desvendadas, pois todas essas questões são históricas através de boas leituras e pesquisas poderiam tirar suas próprias conclusões ao invés de tomar “opinião alheia” como verdade.

Os conhecimentos que são adquiridos com a leitura faz revelações sobre a história da humanidade e as pessoas, veriam que não foi Deus quem escolheu quem iria ser Rei e quem iria ser servo, escravo, gente ou bicho, pecadores e não pecadores passariam a entender a sua existência e buscar meios para melhora-la, ao lerem história em bibliotecas, ou internet conheceriam lutas que foram necessárias e merecem serem lembradas e contadas sempre que alguém achar que “é assim mesmo”.

O presente texto não tem pretensão de esgotar uma discussão tão ampla e importante como é a formação de bons leitores e escritores, mas trazer reflexões importantes sobre letramento e inclusão social, tendo a leitura como um instrumento capaz de equalizar a sociedade. Teríamos bem mais do que uma sociedade exigente, mas também cidadãos críticos e conscientes. Para que o educando “vença” na sociedade em que vive, que por sinal está cercada de manuscritos precisa ter passando pela a escola de preferência pública por ser direito de todos e ter adquirido competências e habilidades capazes de lhe torna um cidadão que leia, ouve, entenda, escreva, concorde, discorde e que exercita sua cidadania e transformando o seu país em lugar menos injusto e mais digno de se viver.

2577

## REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: ed. Schipeone, 2009. (Coleção e ação na sala de aula).

CARVALHO, Marlene. *Guia Prático do Alfabetizador*. São Paulo: ed. Ática, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores associados: ed. Cortez, 1989. (Coleção polêmicas de nosso tempo).

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não- Cartas a quem ousa ensinar**, 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Olho d'agua, 1994.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**. Teoria e Prática. Campinas. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996. Cap. 2, p. 15-30.

RANGEL, Edgon de Oliveira e ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental** – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2010.

SOARES, Magda. **Que pode fazer a escola?** In: *Linguagem e Escola: Uma perspectiva social*. São Paulo, ed: Ática, 2002.

SOLÉ, Isabel. **O Desafio da Leitura**. In: SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad. Claudia Schilleng. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. Pag.21-36.